



Acta Scientiarum. Education

ISSN: 2178-5198

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Rodrigues da Silva, Leila; dos Santos Rainha, Rodrigo
A educação dos leigos no reino visigodo: reflexões sobre a Vita Sancti Aemiliani
Acta Scientiarum. Education, vol. 32, núm. 1, 2010, pp. 41-47
Universidade Estadual de Maringá
Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=303324733005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A educação dos leigos no reino visigodo: reflexões sobre a *Vita Sancti Aemiliani*

Leila Rodrigues da Silva^{*} e Rodrigo dos Santos Rainha

Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Largo de São Francisco, 1, 20051-070, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: leilarodrigues@ufrj.br

RESUMO. Este artigo visa discutir aspectos da educação dos leigos no reino visigodo no século VII, tendo como pressuposto que, diante da reorganização eclesiástica em curso, o processo educacional teria se identificado com o trabalho de cristianização. Nesse sentido, compreendemos que teria se manifestado em espaços sociais variados. Para explicitar a questão, analisamos uma hagiografia produzida no século VII pelo Bispo Bráulio de Saragoça, *Vita Sancti Aemiliani*. Na abordagem deste documento, observamos seu caráter pedagógico, bem como traços da afirmação de um modelo educacional que valoriza de maneira singular o papel do mestre.

Palavras-chave: Bráulio de Saragoça, relações de poder, mestre, hagiografia, Emiliano.

ABSTRACT. Laymen education in the Visigothic kingdom: reflection on the *Vita Sancti Aemiliani*. The intention of this article is to study laymen education in the 7th century Visigothic kingdom, starting from the assumption that, faced with the ecclesiastical reorganization under way, the educational process would identify with the work of Christianization. In that sense, it is understood that it would have manifested in several social spaces. To explain this question, we analyze a hagiography produced in the 7th century by the bishop Braulio of Saragossa, *Vita Sancti Aemiliani*. In investigating this document, we observe its pedagogical character, as well as traces of the affirmation of an educational model that especially values the role of master.

Key words: Braulio of Saragossa, power relationships, master, hagiography, Emiliano.

Introdução

Este texto está associado ao projeto “Hagiografia, sociedade e poder: um estudo comparado da produção visigótica e castelhana medieval”, registrado junto à Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ), sob a coordenação das professoras Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva e Leila Rodrigues da Silva.

Objetivamos discutir aspectos da educação dos leigos no reino visigodo no século VII, tendo como pressuposto que, diante da reorganização eclesiástica em curso, o processo educacional teria se identificado com o trabalho de cristianização.

O interesse específico sobre educação no reino visigodo surgiu em decorrência do estranhamento experimentado ao visitarmos a historiografia sobre o tema na Idade Média¹. Particularmente no que concerne ao estabelecimento dos reinos germânicos, grande parte dos autores se interessa por aspectos

relacionados às estruturas formais de ensino². Em diversos estudos sobre o entendimento da educação para os medievos, encontramos descrições sobre as instalações físicas e as matérias que faziam parte da vida escolar. No entanto, são raras as referências que reconhecem o processo educacional como um fenômeno para além do espaço material onde a escola está assentada³.

Buscando outra perspectiva, valorizamos a reprodução dos elementos educacionais formais no cotidiano (ALVES, 2003). Ainda que evidentemente reconheçamos a importância das escolas episcopais e monásticas no reino visigodo, responsáveis pela formação de figuras como Isidoro de Sevilha, Ildefonso de Toledo, Bráulio de Saragoça, Frutuoso de Braga e Julian de Toledo, entre outras que não enfocamos aqui. No presente texto, importa-nos refletir sobre a educação do leigo, com ênfase nos aspectos relacionados a esse processo presentes em

¹Este interesse teve como resultado principal a dissertação: “Reflexões sobre a educação no reino visigodo: um estudo sobre as relações de poder a partir do epistolário do Bispo Bráulio de Saragoça (631 – 651)”, de autoria de Rodrigo dos Santos Rainha e orientação de Leila Rodrigues da Silva, defendida em junho de 2007, no Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ.

²Chamamos de estruturas formais os núcleos escolares aos quais fazem referência as solicitações conciliares que podemos observar, por exemplo, no II e no IV Concílios de Toledo (CONCILIOS..., 1963).

³Uma das exceções que encontramos e que merece menção nesta nota é a proposta da Professora Raquel Homet (HOMET, 1979).

um texto hagiográfico, escrito no século VII pelo Bispo Bráulio de Saragoça, *Vita Sancti Aemiliani*⁴. A VSE enfoca a trajetória de um “santo,” Emiliano, eremita e clérigo, que teria morrido alguns anos antes da redação do referido documento.

A Igreja visigoda e o bem da salvação

Na conformação de uma nova realidade, com a desestruturação do Império Romano do Ocidente, os visigodos se fixaram na Península Hispânica no início do século V, onde organizaram um reino, cuja duração se estendeu até o ano de 711, com a chegada dos muçulmanos na região.

Identificados inicialmente com a vertente cristã ariana, os visigodos se converteram ao catolicismo em 589⁵. Como parte das tratativas que culminaram na referida conversão, há o estabelecimento de uma estreita relação de trocas entre as autoridades políticas e religiosas. Com a constituição dos reinos germânicos, as igrejas assumiram contornos locais. Apesar de buscarem, de modo geral, a aproximação com Roma, seus caminhos e decisões seguiram orientações próprias. No que se refere ao reino visigodo, entre outras características, observamos a crescente participação de membros das elites locais e visigodas na alta hierarquia clerical. Tal interação suscitou não apenas a imbricação dos campos político e religioso⁶, mas também, como expressão de uma das suas facetas, o envolvimento das aristocracias locais tanto em temas do universo eclesiástico quanto nas disputas sociopolíticas de cada região⁷.

Assim, desde a conversão, podemos observar a atuação efetiva do corpo eclesiástico na esfera política, com destaque para a influência episcopal nas decisões do reino. O papel assumido pelo episcopado lhe garantiu, entre outras vantagens, a função de mediador nos muitos conflitos da nobreza

⁴Ao longo do artigo, faremos alusão ao documento por suas iniciais em português: VSE. Destacamos que todas as transcrições da *Vita Sancti Aemiliani* foram retiradas da edição realizada em 1976 (VSE, 1976). Assim, indicaremos, ao final de cada citação, apenas os capítulos a que se referem.

⁵Os visigodos eram seguidores da heterodoxia ariana, condenada no Concílio de Nícieia, e assim se mantiveram até o ano de 589. Esse posicionamento pode ser compreendido mais por conta de uma resistência frente à maioria hispano-romana, seguidora da ortodoxia nicena, do que realmente por questões dogmáticas (VELÁZQUEZ SORIANO, 1994).

⁶Adotamos o arcabouço conceitual de Pierre Bourdieu. Utilizamos, em especial, os conceitos relacionados à “Gênese e Estrutura do Campo Religioso”. Para o autor, os fenômenos religiosos estão associados à noção de salvação, cuja dimensão mística garante que apenas os produtores do campo religioso sejam capazes de instruir os consumidores acerca do modo a alcançá-la. Assim, Bráulio e as demais autoridades episcopais, como porta-vozes da instituição eclesiástica, ou seja, seus representantes, usufruiriam de um poder que, nas palavras de Bourdieu, poderia ser definido como “um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe”, ou seja, um *poder simbólico* (BOURDIEU, 1989, p. 89; 188; 1996, p. 60; 2003, p. 27-98).

⁷É a partir dos governos de Leovigildo e Recaredo que se estabelece a possibilidade de uma aliança entre os episcopados locais e a nobreza goda. No contexto desta interação, justifica-se a atratividade dos cargos episcopais à elite visigoda e aos grupos administradores, bem como a intervenção dos monarcas em assuntos aparentemente eclesiásticos (ORLANDIS, 1990; 2000); (GARCIA; MORENO, 1989).

pelo poder, a interferência direta junto aos monarcas, o direito a tribunais próprios e especialmente a possibilidade de agir no sentido de fortalecer e reorganizar a Igreja local⁸.

Nesse contexto, as preocupações concernentes à educação tornaram-se especialmente importantes. A ela estariam associadas as possibilidades de maior organização interna e fortalecimento da Igreja frente aos fiéis. Para tal, a instituição eclesiástica deveria, entre outros cuidados, garantir que seus referenciais fossem reconhecidos por toda a sociedade. Em outras palavras, se a identificação da elite eclesiástica com a nobreza foi vital para a Igreja, a legitimidade da instituição e a expansão de sua influência dependiam do reconhecimento do seu discurso nos diversos espaços sociais. Há que destacarmos que a expansão do cristianismo nos meios urbanos e, sobretudo, no ambiente rural poderia promover o fortalecimento não apenas da fé e da instituição, mas também daqueles que, identificados com elas, atuavam como seus *porta-vozes*⁹.

Ao representantes da instituição demonstrar que o poder da Igreja era peculiar, transcendia a este mundo e era capaz de gerar um bem exclusivo e específico, o bem da *salvação*¹⁰. Mas fazer chegar esta construção a uma população alijada dos elementos teológicos, predominantemente de base rural e preocupada principalmente em sobreviver certamente não era tarefa fácil. Para resolver essa dificuldade, os membros do clero deveriam primeiro ensinar àquelas pessoas a importância do referido bem. Uma vez entendida a sua relevância, a educação poderia entrar na fase seguinte, ou seja, a etapa identificada com as instruções para a *salvação*.

Nossa abordagem não se concentra na eficácia da cristianização das populações, não nos interessa mensurar o nível de convencimento a que chegaram os habitantes do reino para os quais as autoridades prepararam seus discursos. Nosso olhar está voltado para o plano da formulação, ou seja, importa-nos analisar a mensagem produzida pelo clero, identificar seu viés didático expresso, sobretudo, na proposição de condutas, imposição de restrições e indicações de punições. Assim, podemos observar o esforço clerical no sentido de instruir o cristão sobre suas atitudes e responsabilidades, o que garantiria, entre outros aspectos, o reconhecimento da autoridade eclesiástica e da instituição que o episcopado representa, a Igreja.

⁸Sempre que indicarmos Igreja, estamos tratando de uma instituição de características locais, como a Igreja visigoda que, apesar de seus membros afirmarem pertencer a um grupo mais amplo, ou universal, possui características e preocupações de âmbito regional. Adotamos a nomenclatura de Igreja Católica, utilizando os termos de Isíodo de Sevilha e Bráulio de Saragoça, ao tratarrem do grupo a que pertenciam (ORLANDIS, 1976).

⁹Cf.: nota 6.

¹⁰Idem.

Dentre os recursos utilizados na divulgação e ensinamento do valor do bem da *salvação*, observamos a reprodução do sistema mestre-discípulo, bastante utilizado, aliás, nas escolas tradicionais (RICHÉ, 1964). Bráulio de Saragoça lembra a importância do referido recurso na hagiografia aqui enfocada: “ninguno sin maestro pude caminar rectamente a la vida bienaventurada” (VSE, 1976, cap. 2). A relação mestre-discípulo é valorizada não apenas no âmbito pessoal, mas é também transposta, de modo simbólico, para outro plano. Assim, acreditamos que a argumentação de autores como Bráulio sobre a temática está pautada na certeza de que cabia à Igreja o papel de mestre da sociedade. Como tal, a Igreja disporia da obrigação de formação e tutela dos eclesiásticos e, especialmente, ao reivindicar para si a exclusividade da administração dos mecanismos de salvação, buscaria garantir um *poder simbólico* (BOURDIEU, 1989) reconhecido e constantemente difundido nos meios sociais.

Bráulio de Saragoça e a *Vita Sancti Aemiliani*

A *Vita Sancti Aemiliani* foi escrita em torno de 640, por Bráulio. Bispo entre os anos de 630 e 650, o autor sucedeu seu irmão Juan no bispado de Saragoça. Considerado uma das mais importantes autoridades eclesiásticas do reino visigodo, Bráulio obteve tal *status* provavelmente por suas vinculações familiares e por ter sido um dos discípulos mais próximos de Isidoro de Sevilha (LYNCH; GALINDO, 1950).

A obra, dividida em 32 partes - um prefácio e 31 capítulos -, descreve a trajetória de Emiliano, homem santo, que viveu provavelmente entre os anos de 473 e 574. A vida de Emiliano teria sido encomendada a Bráulio pelo irmão deste, Juan, sob a alegação de que ele poderia colher informações junto às pessoas que conviveram com o Santo (VSE, 1976, Introdução)¹¹.

No prefácio, uma carta remetida a seu irmão e abade Fronimiano, o autor solicita que o material seja corrigido e copiado no mosteiro sob a responsabilidade de Fronimiano. Tal introdução contém, ainda, uma cuidadosa explicação sobre o que é o texto, seus objetivos e a forma de ser utilizado (VSE, 1976, Introdução). Nesse sentido, estabelece duas ressalvas que nos permitem entender melhor o caráter do documento. Primeiro, pede que não seja avaliada a qualidade do latim utilizado, uma vez que deliberadamente teria procurado se expressar de forma simples para que todos

compreendessem a mensagem apresentada. Logo depois, o autor descreve o livro como propositalmente pequeno para que pudesse ser lido na celebração do dia do Santo (VSE, 1976, Introdução).

A proposta educacional apresentada por Bráulio no texto hagiográfico pode ser mais bem apreendida com a observação do motivo fornecido para que, na festa anteriormente mencionada, além da leitura da vida do Santo, não se introduzisse um sermão. Expressa-se a respeito o autor: “He considerado superfluo añadir el sermón, pareciéndome que no hay exhortación más eficaz que el referir sus virtudes, y que, ocupando ya tanto tiempo la lectura de la vida, si se añadiere el sermón, cansaría los ánimos de los oyentes” (VSE, 1976, Introdução). Enfim, o hagiógrafo pretendia que a assimilação dos elementos eclesiásticos ocorresse de forma sutil e agradável, envolvendo, o máximo possível, o educando. A caracterização do processo como lúdico pode ser ratificada na constatação de que, no lugar do sermão, Bráulio enviou um hino a ser cantado por todos os ouvintes: “También he mandado el himno de la festividad del mismo Santo, como me rogaste, compuesto en versos yámbicos de seis pies”(VSE, 1976, Introdução).

Considerando que o público em questão é majoritariamente de origem simples, tratava-se não apenas de transmitir a mensagem cristã, mas, para tal, adaptá-la à linguagem e aos interesses de tais ouvintes¹². Na verdade, esta adaptação é condição necessária para que se pudesse estabelecer a relação entre o reconhecimento da Igreja como mestre da sociedade, a aceitação da sua mensagem e a salvação a ser alcançada.

Sobre o papel do mestre, Bráulio fornece, em mais de uma oportunidade, exemplos da sua importância como guia espiritual:

Por fama que había, supo de cierto monje llamado Felices, varón santísimo, de quien ventajosamente podía ser discípulo, y que moraba entonces en el castillo de Bilibio. Poniéndose en camino, llegó a él, y sujetándose con ánimo resuelto bajo su disciplina, aprendió de qué manera podía dirigirse con paso firme al reino de los cielos. Esto me parece que es una lección para nosotros, a fin de que sepamos que ninguno sin maestro puede caminar rectamente a la vida bienaventurada (VSE, 1976, cap. 2).

De acordo com seu raciocínio, haveria anunciada impossibilidade de que a salvação pudesse ser alcançada sem a orientação dos guias.

¹¹O sucesso do texto, cabe lembrarmos, em parte justifica a sua circulação e reprodução na Idade Média Central (SILVA; SILVA, 2009).

¹²A adequação do discurso ao público, proposta por Bráulio de Saragoça, não representa exatamente uma novidade, já que a ideia está presente na mensagem paulina (I Cor 9) e na obra de Agostinho (1984).

Dante do mestre, a disciplina e o reconhecimento da autoridade impunham-se como condição ao aprendizado e à decorrente salvação. A conduta de Cristo com Paulo serve de complemento à argumentação do autor:

[...], ni Cristo instruyó por sí mismo a San Pablo, ni quiso el poder divino que Samuel prescindiera de ello; pues a este Santo le mandó que fuese al ermitaño, y mandó que Pablo fuese a Ananías y Samuel a Helí, aunque ya el mismo Señor se había manifestado a ellos por medio de milagros y de palabras (VSE, 1976, cap. 2).

Não se tratava apenas da busca de um mestre, mas de um mestre adequado aos objetivos a serem alcançados. Assim, ainda que Cristo, inquestionavelmente capacitado, pudesse ter instruído Paulo, não chamou a si a tarefa, já que reconhecia a especificidade do conhecimento que o Santo deveria naquele momento adquirir. Destacase, ainda, o quanto a figura do mestre se apresenta como indispensável, visto que nem mesmo os personagens santos poderiam dela prescindir.

Se, no plano individual, todos precisam de um mestre capacitado que lhes ensine, no espaço social, o conjunto de cristãos necessita de um mestre igualmente adequado. Cabe, pois, à Igreja e a seus padres, o papel de condução da sociedade¹³. Para tal, utilizam-se, eventualmente, da intermediação de homens santos, como o próprio Emiliano, que se torna o mestre daqueles que, mesmo inconscientemente, procuram-no por sua ação educadora e salvadora. Assim, ao referir-se pela primeira vez diretamente a Emiliano, afirma Bráulio: “El que había de ser pastor de hombres era pastor de ovejas” (VSE, 1976, cap. 1).

Emiliano, a identificação com a Igreja e o seu perfil de mestre

Emiliano no texto hagiográfico é identificado com a Igreja. O Santo teria nascido em Berceo, la Rioja, sendo sua fama conhecida na região, quando Bráulio redigiu a VSE. Ao escrever sobre a vida de Emiliano, o autor, seguindo a orientação presente nos textos hagiográficos¹⁴, procurou, entre outros aspectos, destacar que Emiliano se tratava de um homem santo e, como tal, seus milagres decorriam da predileção que por ele a divindade possuía. A esse respeito lembra:

Tan santo era aquel varón, tanto le cuidaba el poder divino, y tenía tanto imperio de autoridad suprema, que

concurriendo a él muchedumbre de energúmenos, no solamente no manifestaba el más mínimo rastro de temor, sino que él solo se encerraba con todos ellos en el sitio donde por la gracia de Dios los había de curar [...] (VSE, 1976, cap. 18).

Reforçava-se, desse modo, uma rede de vinculações entre a instituição eclesiástica, autodeclarada representante legítimo de Deus, o homem santo e a própria divindade.

A mensagem pedagógica presente na hagiografia destaca-se, particularmente, ao observarmos o papel exemplar conferido a Emiliano. Sua conduta deveria ser seguida e inspirar um idealizado comportamento cristão. Bráulio não inovou nesse aspecto, já que o caráter edificante e moralizante do texto hagiográfico é reconhecidamente uma marca deste gênero literário (GOULLET, 2004; SANTIAGO CASTELLANOS, 2004; VELÁZQUEZ SORIANO, 2005), mas a maneira como realça aquela condição do homem santo, na passagem abaixo transcrita, parece-nos particularmente emblemática da sua concepção sobre o mestre que se constitui, também, como exemplo.

No atendía solamente con alimento corporal a los que iban a él, sino que alimentaba también sus almas con el pan de la doctrina: pues era tan elegante en sus comparaciones, y tan ingenioso en persuadir la vida espiritual, que todo el que por cualquier circunstancia se acercaba a él, iba mejorado y gozoso; porque nunca el Santo dejó de enseñar con su ejemplo y con sus palabras (VSE, 1976, cap. 22).

Como mestre e salvador, Emiliano atua para garantir o bem da sociedade e dos fiéis nas mais variadas situações: realiza curas (VSE, 1976, cap. 9-10-12), expulsa demônios (VSE, 1976, cap. 12-13-14-15-16-17), multiplica alimentos (VSE, 1976, cap. 21-22) e se preocupa até mesmo com intervenções pontuais que garantem o sucesso de uma atividade realizada por operários, como a construção de um depósito para armazenamento de grãos, como podemos observar no relato do milagre, a seguir destacado.

Hablo de aquel madero que, labrado por la mano de los operarios, llevó para que sirviese en la construcción de un granero, y que, medido con los otros que en la obra se habían empleado, resultó más corto que los demás: lo cual, advertido por el Santo, mandó a los carpinteros que comiesen con ánimo tranquilo, y él se retiró a implorar la misericordia del Creador; y habiendo concluido a la hora de sexta su oración, hecha como solía, y aun de un modo especial, entendió que había conseguido lo que deseaba, y volviendo a los trabajadores, les dijo: «No penséis que habéis perdido el jornal porque resulte inútil el trabajo que tuvisteis al labrar el madero: colocad lo donde le corresponde». Levantándolo,

¹³A ideia da transposição da relação pessoal entre mestre e discípulo para a composição de uma metáfora que afirma a Igreja como mestre e a sociedade como discípulo é uma visão cara aos bispos da primeira metade do século VII, em especial em Bráulio e Isidoro (RAINHA, 2007).

¹⁴Sobre a ajuda divina aos santos (MANZI, 1977).

pues, y poniéndolo donde les mandó, hallan que es más largo que los otros maderos, porque había crecido más de un palmo (VSE, 1976, cap. 19).

O mestre concebido por Bráulio, além da generosidade, deveria se caracterizar pela humildade, virtude essencial a ser ensinada aos discípulos. Emiliano apresenta-se, portanto, como alguém que, apesar de tocado pelo Senhor, exibe condição servil, mesmo quando insultado. Eis o relato da passagem que descreve o tratamento a ele conferido pelo bispo local ao saber que havia distribuído bens da Igreja:

Fijando su mirada en el varón de Dios, le reprende duramente; y aunque con la pasión y cólera había dicho muchas cosas, el insigne varón de Dios permanecía inmóvil en su acostumbrada tranquilidad, fortalecido con la santidad y amparado con su paciencia. Quitándole entonces el cargo que antes tenía, pasó inocente el resto de su vida en el sitio que ahora se llama su oratorio (VSE, 1976, cap. 6).

Também o despreendimento material deveria ser ensinado aos cristãos, já que a valorização das coisas terrenas negaria a expectativa em relação à vida após a morte. Para esse período, o cristão deveria canalizar suas atenções. Assim, o santo caracterizado por Bráulio, como mestre, exemplo a ser seguido pelos fiéis, é retratado como severo na prática da abstinência, austero e totalmente desprovido de interesses por bens materiais. Desse modo, vende o cavalo que possuía e doa o valor conseguido (VSE, 1976, cap. 24), despe-se para vestir pedentes (VSE, 1976, cap. 20) e distribui, quando tem oportunidade, os bens da Igreja (VSE, 1976, cap. 5) como podemos observar a seguir:

[...] y por eso los bienes eclesiásticos, la sustancia de Cristo, distribuíalos entre los pobres, que son las entrañas de Jesucristo, haciendo así a la Iglesia de Cristo opulenta, no en riquezas materiales, sino en virtudes; no en rentas, sino en religión; no en intereses, sino en cristianos; pues sabía que ante Dios no sería juzgado por la pérdida de los bienes temporales, sino por la pérdida de las almas (VSE, 1976, cap. 5).

Outro traço do Santo sublinhado por Bráulio se refere à sua capacidade de não distinguir entre os que solicitam seu auxílio. O mestre não deveria exhibir preferências, mas sim atender a todos aqueles que lhe procurassem, independentemente da condição social deles. A fé e a busca de um guia deveriam ser os únicos elementos a considerar. Assim, os milagres do Santo agraciaram tanto servos quanto integrantes da aristocracia, como podemos observar nas duas alusões a seguir.

Mucho tiempo hacía que estaba ciega una criada del senador Sicorio: pidióle al Santo que le restituyese la vista; luego, el varón de Dios, orando y tocándole los

ojos, le consiguió la salud por favor de Cristo (VSE, 1976, cap. 11).

¿Qué diré ahora de los senadores Nepociano y Proseria? Así como tenían la dicha de estar unidos por el matrimonio, tenían la desgracia de padecer juntamente la posesión del diablo [...]. Llevados, pues, aquellos poseidos a nuestro Millán, manda el Santo al inmundo enemigo dejar los cuerpos de Nepociano y Proseria; y no pudiendo el diablo oponerse al imperio del Santo, es obedecido el mandato (VSE, 1976, cap. 15).

O Santo também deveria valorizar a obediência e sua identificação com a Igreja dependia de tal condição. Logo, mesmo diante de situações nas quais se estabeleceram conflitos entre os desejos pessoais de Emiliano e os interesses da instituição eclesiástica, a obediência garantiu o beneficiamento da Igreja. Nesse sentido, o episódio da nomeação de Emiliano como pároco é exemplar. Apesar de contrariado, desejoso de uma vida isolada e de contemplação, o Santo cumpriu a ordem proferida pelo bispo.

[...] obispo entonces de Tarazona, acósale queriendo conferirle las sagradas órdenes, porque estaba en terreno de su jurisdicción. Desde luego le pareció a Millán cosa dura y grave el huir y oponerse, como duro y grave le parecía el que de su soledad, que era para él un cielo, le volviesen al mundo. Finalmente: creíase menos hábil para ejercer el pesado oficio de sacerdote, y pasar de la vida contemplativa a la activa; pero, después de todo, a pesar suyo, fue obligado a obedecer, por lo cual se le confirió el cargo de cura de la iglesia de Berceo [...] (VSE, 1976, cap. 5).

Embora outros elementos valorizados no perfil do mestre, encontrados na VSE, ainda possam ser identificados, desejamos, por fim, ressaltar apenas mais um: sua capacidade de punir os que não se conduzissem em consonância com as lições fornecidas. Em outras palavras, se a conduta adequada corresponde à salvação, o comportamento reprovável pode implicar punições físicas e, dependendo da gravidade da falta, perda do bem maior.

Duas passagens (VSE, 1976, cap. 20-24), em particular, salientam a atribuição punitiva do mestre, vejamos uma delas:

[...] ladrones, habiendo llegado a la pobre habitación del Santo hombre y hallando fuera al animal en que solía ir a la iglesia, lo robaron furtivamente. Pero no disfrutaron mucho de su robo, pues al poco tiempo volvieron, perdida la luz de los ojos, pidiendo perdón al Santo y devolviendo el animal. El santo de Dios recibió el caballejo, se reprendió a sí mismo el haberlo tenido, y enseguida lo vendió, distribuyendo el importe entre los pobres; mas no restituyó la vista a los ladrones, obrando en esto, a mi juicio, con

prudencia, porque, de no seguir ciegos, tal vez hubieran seguido cometiendo semejantes delitos [...] (VSE, 1976, cap. 24).

Aqui se evidencia, de forma simples e direta, por meio da ênfase de um comportamento correto, que, se os ganhos decorrentes da conduta adequada, além da salvação, poderiam trazer benefícios instantâneos, a conduta imprópria também poderia suscitar desdobramentos imediatos. Igualmente, verifica-se que, se a generosidade do Santo é uma das suas marcas, o rigor da punição que pode infligir deveria, por seu caráter contundente, permanecer registrado na memória dos fiéis. O autor certamente soube explorar o sabor quase vingativo da recusa do Santo diante da possibilidade de restituição da visão dos ladrões. Seu tom é, sem dúvida, pedagógico.

Considerações finais

Nossos estudos sobre o papel da educação no reino visigodo no século VII reconhece uma discussão historiográfica ainda restrita acerca dos processos educacionais em espaços não-formais. Considerando a importância de que tal tendência seja problematizada, refletimos sobre a educação do leigo, tendo como suporte um texto hagiográfico, escrito pelo Bispo Bráulio de Saragoça, no século VII, a *Vita Sancti Aemiliani*.

Para tal, adotamos o arcabouço conceitual de Pierre Bourdieu e o pressuposto de que o discurso religioso, especialmente durante a cristianização no reino visigodo, continha, concomitantemente, forte teor didático e autolegitimador. Em outras palavras, a Igreja, por meio dos seus representantes, reivindicava para si a exclusividade da administração dos mecanismos de salvação. Assim, como parte da referida propaganda, as autoridades eclesiásticas acentuaram a importância do sistema mestre-discípulo, seja no âmbito pessoal, seja no institucional, com a Igreja identificada como mestre da sociedade.

Desse modo, associado à Igreja, Emiliano foi retratado por Bráulio por, entre outros aspectos, conduzir-se como mestre que, com a ajuda divina, ensinaria aos cristãos o caminho correto a seguir. A hagiografia deveria, pois, ser lida em dias de festa, substituindo o sermão. Com linguagem adaptada ao público e repleta de referências ao cotidiano das populações campesinas, objetivava-se que a VSE cativasse a audiência, instruindo-a e fornecendo parâmetros de conduta pautados nos exemplos do Santo.

Em suma, a conduta de Emiliano deveria ser seguida e inspirar um idealizado comportamento cristão. Nesse sentido, Bráulio destacou as qualidades do hagiografado em relação à humildade,

ao despreendimento das coisas materiais, à generosidade, à imparcialidade de suas ações e à obediência. Cabe lembrarmos que, no texto, não apenas as vantagens da conduta adequada foram ressaltadas, as referências punitivas decorrentes de atitudes reprováveis ao perfil cristão também não foram esquecidas.

No contexto de cristianização e organização eclesiástica que caracterizou o reino visigodo no século VII, as preocupações concernentes à educação, indubitavelmente, estiveram presentes entre as principais diretrizes de atuação do episcopado. Compreendê-las exige o reconhecimento de que se a atividade de ensino foi priorizada nas escolas episcopais e monásticas, e não menos relevantes devem ser consideradas as ações pedagógicas estabelecidas na prática cotidiana do clero, na qual se inserem, por exemplo, a leitura e divulgação de textos hagiográficos como a VSE.

Referências

- AGOSTINHO, S. **A instrução dos catecúmenos.** Teoria e prática da catequese. Petrópolis: Vozes, 1984.
- ALVES, N. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **Revista Teias**, v. 4, n. 7, p. 1-8, 2003. Disponível em: <<http://www.revistateias.proped.pro.br>>. Acesso em: 15 out. 2009.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas.** São Paulo: Edusp, 1996.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2003.
- CONCILIOS VISIGÓTICOS E HISPANO-ROMANOS. Edición Jose Vives. Madrid: CSIC; Instituto Enrique Florez, 1963.
- GARCIA MORENO, L. A. **Historia de España visigoda.** Madrid: Cátedra, 1989.
- GOULLET, M. Introduction: saints et hagiographie. In: WAGNER, A. (Ed.). **Les saints et l'histoire.** Sources hagiographiques du haut moyen Âge. Paris: Bréal, 2004.
- HOMET, R. **Sobre la educación medieval.** Buenos Aires: Tekne, 1979.
- LYNCH, C. H.; GALINDO, P. **San Bráulio.** O bispo de Zaragoza (631-651): su vida y sus obras. Madrid: Instituto Enrique Florez, 1950.
- MANZI, O. Modelos de heroicización entre paganismo y cristianismo. **Temas Medievales**, n. 7, p. 125-144, 1977.
- ORLANDIS, J. **La iglesia en la España visigótica y medieval.** Pamplona: Universidad de Navarra, 1976.
- ORLANDIS, J. **Historia del reino visigodo español.** Madrid: Rialp, 1990.
- ORLANDIS, J. La doble conversión religiosa de los pueblos germánicos (siglos IV al VIII). **Anuario de Historia de la Iglesia**, n. 9, p. 69-84, 2000.

- RAINHA, R. S. **A Educação no Reino Visigodo.** As relações de poder e o epistolário do bispo Bráulio de Saragoça (631 – 651). Rio de Janeiro: HP Comunicações, 2007.
- RICHÉ, P. **Education et culture dans L'occident barbare.** Paris: Du Seuil, 1964.
- SANTIAGO CASTELLANOS. **La hagiografía visigoda.** Domínio social y proyección cultural. Logroño: Fundación San Millán de la Cogolla, 2004.
- SILVA, A. C. L. F.; SILVA, L. R. A vida de São Emiliano segundo Bráulio de Saragoça e Gonzalo de Berceo: um estudo comparado da produção hagiográfica visigótica e castelhana. **Notandum**, ano XII, n. 21, p. 85-94, 2009.
- VELÁZQUEZ SORIANO, I. Ambitos y ambientes de la cultura escrita en Hispania (s. VI): De Martín de Braga a Leandro de Sevilla. **Studia Ephemeridis Augustinianum**, n. 46, p. 329-351, 1994.

VELÁZQUEZ SORIANO, I. **Hagiografía y culto a los santos en la Hispania visigoda:** aproximación a sus manifestaciones literarias. Mérida: Museo Nacional Romano, Asociación de Amigos del Museo; Fundación de Estudios Romanos, 2005. (Cuadernos Emeritenses, 32).

VSE-Vita Sancti Aemiliani. 1976. Disponível em: <<http://www.vallenajerilla.com/berceo/braulio/braulio.htm>>. Acesso em: 15 out. 2009.

Received on February 25, 2010.

Accepted on June 7, 2010.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.